

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 3

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

Imprimindo este singelo trabalho, realizo um pensamento de nove ou dez annos e uma promessa de seis.

O pensamento nasceu, logo que o acaso me deparou, na Bibliotheca Nacional, os documentos a que dou agora publicidade, e que são hoje o unico vestigio que existe do precioso calix de ouro do mosteiro de Alcobaça: a promessa, consignei-a em carta que dirigi ao Sr. Dr. Sousa Viterbo, a proposito de um seu interessante estudo intitulado *As joias de D. Ignez de Castro e o calice de Alcobaça*, carta que esse incansavel e consciencioso investigador do nosso passado artistico fez inserir em o n.º 46 d-*A Semana de Lisboa* (Novembro de 1893), folha onde, pouco antes, havia apparecido aquelle estudo (n.ºs 42 e 43).

A suspensão da serie *Historia da Arte em Portugal*, que saia no Porto sob a direcção do sr. Joaquim de Vasconcellos, e á qual eu destinara o presente trabalho; o extravio do primitivo manuscripto, e a difficuldade de achar tempo, no meio das minhas variadas occupações, para de novo copiar os documentos que encontrára—explicam a demora havida em entregar ao público esta insignificante contribuição para a historia das artes decorativas em Portugal.

Dezembro de 1899.

I

Em muitos dos numerosos conventos do nosso país, especialmente nos que eram de fundação regia, accumulavam-se preciosidades artisticas do mais alto valor:—peças de ourivezaria e obras de talha, quadros e illuminuras, tecidos e bordados, tapessarias e mobiliario...

O poderoso mosteiro cisterciense de Alcobaça, fundado por D. Afonso Henriques e largamente protegido por quasi todos os nossos monarchas, encerrava a mais surprehendente riqueza de arte. A extensão

dos seus dominios territoriaes; ás prerogativas do dom abbade; á belleza architectonica de muitas das partes do edificio—correspondia um valiosissimo recheio de obras de ourivezaria, alfayas, quadros, livros com illuminuras.

Uma das peças mais notaveis do thesouro do convento, era um primoroso calix de ouro, com figuras em relevo, esmaltes e pedras preciosas.

Tres versões corriam á cêrca da sua origem.

Segundo uma, o precioso vaso teria sido feito das joias da formosa e desventurada Ignez de Castro, doadas ao convento por D. Pedro I.

Acha-se memoria d'ella em um *chronicon* exarado na primeira página do codice n.º 104¹ da *livraria velha*, ou manuscripta, de Alcobaga (*Homilias* de Origenes):

«Calicem aureum cum patena, qui est in tesauris, donavit rex Petrus, ex armillis et pendentibus domne Ignez de Castro, inclite regine Portugalie et Algarbii, pro cujus anima donata fuit villa de Paredes».

São, porém, evidentemente apocryphos, tanto este como os outros registos do alludido *chronicon*, escripto no seculo XVI, mas affectando o character da letra do codice, que data do seculo XIII. Duas pennas se fizeram cargo de, no proprio logar, desmascarar o falsario. Adverte uma:—*«Falso narrata et ignave scripta»*; e outra:—*«Littera decimi sexti sæculi, fide scripta, et falso narrans»*. O auctor do indice impresso dos codices alcobacenses, quando descreve o que tem o n.º 104, tambem diz, em referencia ás memorias da primeira página:—*«..... secunda manu addita videntur»*².

Afirmavam outros que o famoso calix proviera de joias legadas ao mosteiro por D. Affonso II³.

¹ Tem actualmente na Bibliotheca Nacional o n.º 360.

² Pag. 62.

³ D. Sancho I legára ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a sua copa de ouro (*copam meam auri*), para que d'ella se fizesse uma cruz e um calix, o que se cumpriu, constituindo a cruz um exemplar interessantissimo, que tem figurado em diversas exposições e se conserva no gabinete de numismatica e antiguidades do paço da Ajuda. D. Affonso legou, é certo, algumas joias ao mosteiro de Alcobaga, mas sem clausula:—*«Et mando monasterio Alcupacie omnes meas sortelias maiores et minores, et anulos quos habuero in die mortis mee»*.

Que differença haveria entre *annulus* e *sortelia*? Ducange, no seu *Glossarium*, dá a ambos os vocabulos a significação de *annel*. *Sortelia* (de *sors*), latim barbaro, a que corresponde em portuguez *sortelha*, em hespanhol *sortija*, era, primitivamente, um *annel* de character religioso e talismânico: vid. *Revista Lusitana*, II (1890-92), 261 (artigo do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos); Viterbo, *Elucidario*, II, 331; e Teixeira de Aragão, *Anneis*.

A fl. 5 de um *Livro das rendas, fazenda, propriedades e fóros* do convento de Alcobaça¹ organizado em 1530, encontra-se, num inventario da prata e ouro da sacristia, mandado fazer pelo cardeal-infante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel e abbade-commendatario de Alcobaça, a verba seguinte:

«Um calez d'ouro, lavrado de figuras enlevadas, e todo esmaltado de côres, com sua pedraria de rubis, esmeraldas e saphyras; e a patena tambem d'ouro, esmaltada; muito rico; que pesou todo junto nove marcos d'ouro.»

E, á margem, esta nota, de letra moderna, anterior, porém, a 1713, anno em que d'ella e de outras passagens referentes ao calix, se extrahiua certidão no cartorio de Alcobaça, como adeante se verá:

«El-rei D. Affonso II deixou a este mosteiro todas as suas joias e anneis, como consta do seu testamento, que está no 1.º livro dos «dourados», fl. 15. D'estas joias se devia de fazer o calix d'ouro, e não das joias de D. Ignez de Castro, como alguns velhos diziam; pois não consta pelas escripturas d'el-rei D. Pedro que as taes joias se dessem a este mosteiro. = Fr. Paulo Brandão.»

Asseveravam outros, emfim, que o precioso calix fôra dadiva do cardeal-infante D. Affonso, ou de el-rei D. Manoel, quando, na menoriidade de seu filho, governou o mosteiro.

Tambem d'esta opinião se encontra registo nos codices alcobacenses. Na última página do codice n.º 212² (obras de Rufino e de Santo Isidoro), ha um registo, — especie de chronicon, — de letra do sec. XVI, á cêrca de varios successos relacionados com a historia do convento, entre elles a morte do cardeal D. Affonso. Na memoria referente a este último facto, memoria tres vezes impressa (uma, por Fr. Angelo Manrique, no tomo II dos seus *Annales cistercienses*, serie dos abbades de Alcobaça, pag. 11; outra, por Jorge Cardoso, a fl. 666 do tomo II do *Agiologio lusitano*; e outra, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, a pag. 45 das *Provas e Addições da sua historia chronologica e critica da Real Abbadia de Alcobaça*) — lê-se o trecho seguinte:

«..... chorus suo tempore initium sumpsit, et finem ad usque est perductus; nec non et domus sacraria, hæc est sacristia, suis diebus fuit constructa; et calix aureus mirifice elaboratus; studia quoque litterarum ipse introduxit; et infirmitorium facere jussit».

¹ Tem na Torre do Tombo o n.º 212.

² N.º 375 na Bibliotheca Nacional.

No inventario que citei e que tem a data de 3 de Dezembro de 1536, ha igualmente¹ uma verba, annotada, que se liga com esta última conjectura. Eis a verba:

«Duas galhetas de prata, douradas, grandes, que servem com o calez d'ouro; as quaes deu o cardeal iffante, nosso senhor; e pesaram seis marcos e meio e uma onça».

À direita, na columna destinada á indicação abreviada do pêso, a seguinte observação, por letra do seculo XVII:

«Estão já desfeitas e consumidas».

Agora, as notas marginaes, de letras diversas: Diz a primeira, da penna, evidentemente, de quem lavrou a que já copiei e Fr. Paulo Brandão subscreveu:

«D'aqui se collige que o cardeal D. Affonso não deu o calix d'ouro, pois se não faz menção d'isso, e, aliás, se declara expressamente que dera galhetas para servirem com elle; e, mais abaixo, no fim d'este inventario, se explica que deu uma arquinha de prata, para estar n'ella o Santissimo Sacramento»².

Outro monge contestou:

«Pela memoria antiga que está no fim das obras de Rufino³, se vê que o cardeal-iffante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel, deu o calix de ouro».

E outro ainda:

«Vide livro dos obitos, fls. 81 e 82⁴».

¹ A fl. 5 v.º

² «Uma arquinha de prata, toda branca, com um vidro deante, a qual mandou o cardeal, nosso senhor, pera estar o Santo Sacramento; e não se pesou por estar com este impedimento». (Fl. 7).

³ Allusão ao chronicon de que já transcrevi a parte em que se falla do calix.

⁴ Nem na Torre do Tombo, nem na Bibliotheca Nacional, nem na livraria da Academia Real das Sciencias, se encontra este obituario. Numa *Reflexões historicas* de Fr. Manoel de Figueiredo, á cêrca das letras que se vêem em diversos pontos do calix, — trabalho a que adeante me referirei, — cita-se, porém esse livro, informando-se que fôra organizado em 1690 por Fr. Benedicto de S. Bernardo, e que este monge attribuia igualmente o calix ao cardeal D. Affonso.

Fr. Benedicto, ou Bento, de S. Bernardo, foi cartorario, e, depois, bibliothecario, de Alcobaça, e elaborou um summario do cartorio (1672) e um catalogo da livraria (1684). — Vid. Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, I, 499.

Esta terceira hypothese é, chronologicamente, a verdadeira. Em inventario mais antigo, feito a 28 de Abril de 1519, por outro de 6 de Junho de 1510¹, mencionam-se dois calices de ouro, nenhum dos quaes,—póde quasi affirmar-se,—é aquelle de que nos occupâmos, porque nem de um nem de outro se diz que tivessem esmaltes e figuras em relevo, e não é crível que estas evidentissimas circumstancias fossem omittidas, porque eram ellas, principalmente, que assignalavam e enriqueciam o calix.

O inventario de 1536 não as desprezou, como vimos. No de 1519, a verba respectiva aos calices de ouro é assim redigida:

«Item—Dous calezes d'ouro: um, grande, com sa patena de pedraria com o dito caleze e lavrados de finagrana, com aljofre, menos nove pedras no pé; e na maçã fallecem dezanove pedras. E o aljofre nom se conta, porque é muito miudo. E na patena fallecem seis pedras, e é dessoldado. E o pequeno é todo cheio. Os quaes calezes nós vimos, e são ricos e muito reaes».

Mas o argumento decisivo é o character da patena, que todos ainda conhecemos. Tanto os lavores a buril como os esmaltes, indicavam de modo claro e positivo que essa joia de ourivezaria datava do seculo XVI, do periodo da Renascença. Para mais, o esmalte da face superior, que representava a ceia de Christo, era, segundo me informa o Sr. José Queiroz, cópia de Alberto Dürer (1471-1528).

Que, porém, o calix fosse dadiva do cardeal-infante, é que me parece contestavel. Não que deva ligar-se grande importancia ao facto de não ser mencionado como tal no inventario de 1536, ao passo que das galhetas e do cofre de prata se regista haverem sido offerta sua. Todos que conhecem documentos d'essa indole e d'esses afastados tempos, sabem que, em geral, não primam pelo methodo nem pela coherencia. Mas a circumstancia de não figurarem no inventario de 1536 os dois calices descriptos no de 1519 leva-me a suppôr que a congregação os houvesse vendido (talvez como sucata), para adquirir o outro, tanto mais que de um d'elles,—do maior,—se dizia em 1519 estar *des-soldado*.

A ser assim (o que de nenhum modo póde, é claro, asseverar-se), o precioso calix teria sido acquisição da propria comunidade cister-

¹ Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 24, doc. 65. Publicou-na integra o Sr. Dr. Sousa Viterbo, em complemento do seu estudo sobre a exposição de arte ornamental, inserto no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa, 3.^a serie, pag. 565.

ciense, embora durante o governo, e, acaso, por iniciativa, do cardeal-infante, o que bastaria para justificar a passagem do chronicon citado, a qual, rigorosamente, não implica a affirmativa de que houvesse sido dada de D. Affonso o calix de ouro:

«... domus sacraria, hæc est sacristia, suis diebus fuit constructa, et calix aureus mirifice elaboratus...»

Fosse, porém, como fosse, é evidente, — repito, — que essa notavel peça de ourivezaria datava do seculo XVI.

Nenhum documento, nenhuma passagem de chronica, nos revela o nome do artifice. O sr. Joaquim de Vasconcellos, fundando-se no exame da patena, suppõe o celebre calix obra allemã¹.

É avultado o número de ourives estrangeiros que em diversas epochas trabalharam em Portugal. Sabe-se que nos primeiros tempos da monarchia, exerciam entre nós a sua arte bastantes ourives arabes. Mestre Jozepe, «*ourives da rainha*», citado numa carta de D. Fernando; o ourives Salter, a quem foram, em 1421, aforadas umas casas em Santarem, não eram, de certo, portuguezes. Em 1457, approvava D. Affonso V a *ordenança* feita entre os ourives de Lisboa e os estrangeiros, assim da prata como do ouro, que nesta cidade viessem «*assentar suas tendas e usar seus officios*»².

No tempo de D. Manoel, trabalhou aqui um habilissimo ourives flamengo ou allemão, Johan van den Staygolstsy, designado entre nós, como Olivier de Gand e outros artistas estrangeiros, pelo nome proprio antecedido da palavra *mestre*.

Por um dos capitulos do testamento da rainha D. Leonor, publicados na *Chronica serafica* de Fr. Jeronymo de Belem³, sabe-se que é obra de *mestre João*, o notabilissimo relicario de ouro do convento da Madre de Deus, fundação da illustre princeza⁴; e de um alvará

¹ Exposição districtal de Aveiro (1882) — *Album*, 52, nota 3.

² Vid. o meu artigo sobre os calices bysantinos do Museu Nacional, em o n.º 4 da *Arte portugueza* (Lisboa, 1895).

³ Parte III, pag. 85.

⁴ Eis o capitulo: — «Item, deixo ao dito Moesteiro da Madre de Deos o Relicario que fez Mestre João, em que está o santo Lenho da Vera-Cruz, que ora anda na cruz d'ouro, pequena; e assi está nelle o Espinho da Corôa de N. Senhor Jesu Christo com certos fios da sua vestidura, o qual Relicario he todo d'ouro, guardado com certas pedras finas, que estão dentro».

Este relicario é uma das mais notaveis obras de ourivezaria que existem no país. Figurou na exposição retrospectiva de arte ornamental. Vid. *Catalogo illustrado*, pag. 20 e est. 86.

de D. Manoel, archivado na Torre do Tombo¹, e citado por João Pedro Ribeiro² e pelo Dr. A. Filippe Simões³, vê-se que a *mestre João* fôra encommendada pelo venturoso monarcha, por 151\$430 réis, uma custodia para o mosteiro da Conceição, de Beja, — peça que, infelizmente, se não encontrava já no convento, quando se realizou a Exposição de arte ornamental⁴. Noutro documento da epocha nos apparece ainda o nome de *mestre João*⁵: — a 23 de Novembro de 1510, escreviam os officiaes da Casa da India a el-rei D. Manoel, que, pelo moço de estribeira João Affonso, lhe enviavam, segundo as suas ordens, o collar que Pero Affonso havia trazido (do Oriente, sem dúvida); e que essa joia fôra avaliada por *mestre João* e Diogo Rodrigues em 500 cruzados, — *favoravelmente, como Sua Alteza mandava que se fizesse ás semelhantes cousas*⁶. Seria acaso João van den Staygolstsynt o auctor do calix de Alcobaça? É possível; mas nenhum elemento seguro nos permite insistir nesta vaga conjectura. O calix poderia ter sido executado fóra do país; poderia havel-o fabricado em Portugal artista allemão ou flamengo que não fosse o auctor do relicario da Madre de Deus; poderia, ainda, ter sido obra de artista português sob uma forte e decisiva influencia estrangeira, — hypothese esta que, todavia, se me afigura a menos provavel.

É certo, no emtanto, que havia então bastantes ourives portuguezes, de alguns dos quaes nos conservaram os nomes os documentos da

¹ *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 10, doc. 55. Porque se tem qualificado de duvidosa a leitura do appellido de mestre João, reproduzo aqui a sua assignatura tal como subsegue o recibo exarado nesse diploma:

² *Dissertações chronologicas e criticas*, v, 332.

³ *A Exposição retrospectiva de arte ornamental*, 96.

⁴ O mosteiro da Conceição possuia tambem outra notavel custodia, como se vê da seguinte passagem da citada *Chronica serafica* (II, 482): — «O seu mayor desempenho (da infante D. Beatriz, fundadora do convento) se mostra em humarica Custodia, que deu para a exposição do Santissimo, esmaltada com quarenta e sette pedras preciosas, e dezanove perolas orientaes. . . »

⁵ É muito de suppôr que os tres documentos se refiram ao mesmo artista.

⁶ *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 9, doc. 102.

epoca:— Gil Vicente, o auctor da famosa e singular custodiã de Belem; Diogo Rodrigues, que figura na carta, que citei, dos officiaes da Casa da India, e num mandado de 18 de Setembro de 1515, em que D. Manoel ordenava ao seu thesoureiro, Ruy Leite, que entregasse a Fructos de Goes os dois bacios dourados e o gomil que esse artista lhe havia então feito, para serviço da sua guarda-roupa; e bem assim um tecido de ouro, *anilado*, obra do ourives Alvaro Paes¹, Vicente Fernandes, a quem o afortunado monarcha mandava pagar, em 6 de Abril de 1512, a quantia de 7\$203 réis, de obras que fizera²; Belchior Rodrigues, ao qual, por alvará de 1.º de Agosto de 1515³, el-rei ordenava se entregassem 120\$000 réis, em que tinham sido avaliadas umas suas casas, demolidas para despejo do adro da igreja de São (S. Julião), em Lisboa.

Extinctas as ordens religiosas, foi o calix remettido, com outras preciosidades, para a Casa da Moeda, cujo provedor dirigia ao ministro da fazenda, em 30 de Setembro de 1835, o seguinte officio:

«Ill.º e Ex.º Sr.—Entre os objectos de valor do extincto convento de Alcobaca, que foram entregues nesta casa, encontra-se o precioso e antiquissimo calix de ouro, feito na Hollanda, no anno de 1187⁴; succede, porém, faltarem-lhe algumas peças do pé ou columna que sustenta a cupola (como se vê da nota junta); não sendo o peso que se achou no acto da sua entrega nesta casa, igual ao que vem mencionado na relação feita na sub-prefeitura de Lamego, a qual, posteriormente á referida entrega, foi remettida a esta repartição. Julgo do meu

¹ *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 18, doc. 97. O conhecimento, ou recibo, exarado no documento offerece interessantes esclarecimentos á cêrca dos objectos a que o mandado se refere. As bacias eram de agua ás mãos, *lavradas de romano*, douradas interiormente e com esferas esmaltadas *nos meios* (isto é, provavelmente, nos fundos). Pesavam ambas 16 marcos, 5 onças e 6 1/2 oitavas de prata. O gomil era pequeno, dourado todo, *lavrado de magos e de cinzel baixo*. Pesava 8 marcos, 7 onças e 5 1/2 oitavas. Quanto ao tecido dourado, formava uma guarnição de cinta, com sua fivella, charneira e biqueira, e dez *tachões*, tudo *anilado*. Tinha de peso 35 cruzados e 63 grãos de ouro.

Note-se a expressão—*lavrados de romano*. É vulgar, bem como outras equivalentes (*lavrado ao romano*; *obra romana*), em documentos d'este periodo. Queria-se, talvez, designar assim o trabalho no gôsto da Renascença italiana, —a obra d'esses ourives e esculptores que, na sua curiosa *Miscellanea*, Garcia de Resende proclamava *mais sutis e melhores* que os das epochas passadas.

² *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 11, doc. 56.

³ *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 18, doc. 53. Cfr. o doc. 96.

⁴ É a opinião de Bluteau, adeante referida.

dever levar o que fica exposto, ao conhecimento de V. Ex.^a, para que V. Ex.^a dê as providencias que julgar convenientes.

Deus guarde a V. Ex.^a Casa da Moeda, 30 de Setembro de 1835.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} sr. José da Silva Carvalho, ministro, conselheiro e secretario de estado dos negocios da fazenda.—O provedor, *Antonio Cabral de Sá Nogueiras*.

«Relação a que se refere o officio: — «Um calix de ouro com esmalte, figuras em relevo e pedras engastadas, pesando 10 marcos, 3 onças e 2 oitavas».

«N. B. Este calix se entregou desmantelado, contendo doze peças, incluindo a patena, e pesou n'esta casa 9 marcos, 7 onças e 4 oitavas¹».

José da Silva Carvalho providenciou como lhe cumpria, mandando entregar o calix á Bibliotheca Publica, para ser conservado no seu gabinete de numismatica e antiguidades².

Um anno, se tanto, apenas, se conservou alli, porque em 1836 foi de lá roubado, uma noite, juntamente com um sacco onde se encontravam reunidas as moedas de ouro,—algumas de primeira raridade³.

Cêrca de dois seculos antes, havia o precioso calix desaparecido do mosteiro de Alcobaça. No primeiro volume da interessante collecção de sentenças organizada por Antonio Joaquim Moreira, e hoje pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa⁴, cita-se, a fl. 94, uma carta do duque de Bragança ao geral de Alcobaça, datada de Villa Viçosa, a 20 de Setembro de 1640, sobre a fuga de Fr. João de Mendonça, que levava roubado o calix de ouro⁵.

Não encontrei essa carta entre os documentos que d'aquelle mosteiro foram transferidos para o Archivo Nacional. Ignoro, pois, como as cousas se passaram. É, todavia, certo que, d'essa vez, o calix foi restituído, o que não succedeu em 1836. Se foi enriquecer algum museu ou collecção do estrangeiro, ou se o ladrão, no intuito de melhor se pôr a coberto da responsabilidade, o fez pedaços, vendendo-o como sucata, não o posso conjecturar.

Ficou a patena, que, mercê da disposição do estojo que continha as duas peças, não foi vista pelo roubador. Essa mesma, porém, incorporada mais tarde no Museu Nacional de Bellas-Artes, desapareceu

¹ *Apud*, Teixeira de Aragão, *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, 1, 98, nota 4.

² Portaria de 20 de Outubro de 1835.

³ Allude a este facto o Dr. José Feliciano de Castilho, no seu elucidativo *Relatorio ácerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos annexos*, 1, 69.

⁴ Secção de Mss., B-16-1 (n.º 851 no inventario respectivo).

⁵ Devo esta indicação ao Sr. J. J. da Ascensão Valdez, illustrado funcionario da Inspecção geral das Bibliothecas e Archivos, e estudioso archeologo.

igualmente, pois, tendo sido enviada, em 1892, á Exposição colombina de Madrid, não foi encontrada, no regresso, entre os objectos portuguezes, e ainda se lhe desconhece o paradeiro. Tinha labores abertos a buril, e dois esmaltes, um em cada face. O diametro, como se pôde verificar pela caixa, modernamente feita, em que se guardava na Bibliotheca Nacional, e que ainda lá se conserva, era de 0^m,16. Figurou em 1882 na Exposição retrospectiva de arte ornamental¹.

Com razão dizia o Sr. Dr. Sousa Viterbo:

—Triste sina persegue o calix de Alcobaça!

Se até o estojo que o encerrava, e que, ha bem pouco, existia ainda na Bibliotheca, se não encontrou agora, quando, a instancias minhas, alli foi procurado! Console-nos d'essa perda a informação que me dá o Sr. Luiz Carlos Rebello Trindade, um dos conservadores d'aquelle estabelecimento, de que nenhuma particularidade de fórma havia no estojo, que mais ou menos efficazmente nos auxiliasse na reconstituição imaginativa da preciosissima joia. Da perda do calix e da patena, é que nada pôde consolar-nos.

O desenho a que se faz referencia numa das cartas adeante transcriptas, perdeu-se tambem. Tosco, embora, como sem dúvida era, teria altissimo valor.

Implacavel sina persegue, effectivamente, o calix de Alcobaça!

Vejamos que circumstancias deram motivo aos documentos agora publicados, e que são tudo quanto hoje possuimos do riquissimo (ia escrever desditoso) calix.

(Continúa).

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

15. Real Gabinete numismatico de Bruxellas

«Les savants et les artistes ont appris avec la plus vive satisfaction que les chambres belges avaient voté un crédit de 300.000 francs pour l'acquisition des incomparables suites de monnaies grecques et de monnaies romaines réunies, á grands sacrifices d'argent et de peines, pendant plus de quarante ans, par notre zélé confrère, M. le comte Albéric du Chastel de la Howarderie. Ce vote, qui fait le plus grand honneur à l'esprit éclairé et patriotique de nos législateurs et qui est dû à la haute initiative de M. Schollaert, ministre de l'Intérieur et de

¹ Vid. *Catalogo illustrado*, 25.